



CORPO DE DELITO

Estaline e Trotski

Estaline precisava de usar a fraqueza, o imobilismo, o comodismo, o medo, a cupidez ou a ambição dos outros



Rui Patrício

Trotski era mais bem preparado, tinha mais experiência, era mais popular e era o preferido de Lenine e de outros cujas vozes importavam, mas foi Estaline que tomou o poder. E depois foi o que se sabe. Não sabemos – verdade seja dita – se com Trotski teria sido melhor, e é bom não esquecer quais eram as suas ideias e qual foi o seu percurso na revolução e na guerra civil. Mas o que sabemos é que, contra as expectativas, foi Estaline quem sucedeu a Lenine. Porquê? Como costuma acontecer nestas coisas, pela conjugação de várias razões. Em primeiro lugar, talvez Trotski, embalado pelo seu brilho e pela sua arrogância intelectual, tenha confiado em demasia nas suas qualidades e descurado o trabalho de casa e o esforço miúdo e terreno da conquista

do poder. Em segundo lugar, talvez Estaline – tenha-o lido ou não – tenha percebido melhor a lição de Maquiavel acerca da importância de aproveitar a ocasião, com sábia gestão dos tempos e da geografia das situações. E, em terceiro lugar, talvez Estaline tivesse uma maior sede de poder e uma maior determinação para o conquistar, estando disposto a tudo para o conseguir e depois para o conservar, quer pela força, quer pela astúcia (novamente, aconchegado na lição do florentino). E nestas coisas do poder (seja nos países, seja nas instituições, seja em qualquer outra forma de junção de duas ou mais pessoas), querer mesmo e estar disposto a fazer o que for preciso é como o código postal, é meio caminho andado.

Todas estas razões, mais hipotéticas ou mais certas (porque provadas), terão sido determinantes, entre outras, mas a razão principal talvez seja outra, que não se prende nem com Estaline nem com Trotski, mas com todos aqueles que estavam à sua volta e poderiam ter travado Estaline, ter empurrado Trotski ou quaisquer outros ou ter feito as coisas de uma outra forma. Nestas coisas do poder, seja em que conjugação de

personas for, quem está em redor dos protagonistas e quem deixa fazer ou trava tem tanta importância como eles ou mais. E Estaline percebeu isso bem, e actuou ainda melhor, tendo-se revelado um grande e hábil manipulador, quer na doença e na morte de Lenine, quer nos cerca de 30 anos em que reinou, senhor absoluto. Soube muito bem jogar com a fraqueza, o imobilismo, o comodismo, o medo, a cupidez ou a ambição dos que poderiam ter tido voz ou acção para o travar. Gritou onde foi preciso, adulou onde foi frutífero, prometeu e corrompeu onde tinha de o fazer, ameaçou com uma mão para logo seduzir com a outra, fez aliados num dia e no outro fê-los cair ou matou-os. Estaline percebeu que sozinho não conseguiria; que precisava de usar a fraqueza, o imobilismo, o comodismo, o medo, a cupidez ou a ambição dos outros. Estaline não é o único culpado de Estaline, e talvez não seja sequer o principal. E quem diz Estaline diz outros tiranos, tiranetes e pulhas que despontaram ou despontam, seja nos países, seja nas instituições, seja em qualquer outra forma de junção de duas ou mais pessoas.

Advogado. Escreve ao sábado



Trotski era o preferido de Lenine